

Quando é dia de futebol: o futebol por Carlos Drummond de Andrade.

A necessidade brasileira de esquecer os problemas agudos do país, difíceis de encarar, ou pelo menos de suavizá-los, com uma nota de despreocupação e alegria, fez com que o futebol se tornasse a felicidade do povo. Pobres e ricos param de pensar para se encantar com ele.¹

Carlos Drummond de Andrade

A apresentação do trabalho dentro do II Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol é referente ao livro *Quando é dia de futebol*, um conjunto de crônicas e poesias que abordam o universo futebolístico em Carlos Drummond de Andrade, livro organizado pelos netos do autor Luís Maurício Graña Drummond e por Pedro Augusto Graña Drummond, publicado em 2002, sendo uma obra póstuma, visto que o autor veio a falecer em 1987.

O interesse em estudar e apresentar este assunto vem, em primeiro lugar, pelo esporte em si, visto ser uma paixão nacional, sendo um estudo em crescimento nos últimos anos no campo dos estudos literários.

Milton Pedrosa aborda no livro, *O gol de Letra: o futebol na literatura brasileira*, publicado em 1967, o pouco interesse do intelectual brasileiro pelo futebol nesta época, visto a pouca importância que a população dava aos livros e pelas condições econômicas da época. Abaixo, o autor explica esta situação:

Como foi dito, o grosso dos torcedores de futebol e, de certa altura em diante, também dos jogadores foi composto de membros das classes mais modestas e, em menor parcela, da classe média (muitos jogadores, ontem como hoje, são naturais do campo). Nem dispunham da capacidade de compra de livros, nem para eles o livro representava necessidade. Isso enquanto, para uma população de 30, 40, 50 ou 60 milhões, uma edição de 3000 exemplares de qualquer obra era tida como além do normal e as de 5000 exemplares, exceções. Assim, a massa de adeptos do futebol não

¹ ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 263-264.

buscava livros que tratassem de futebol (não podia adquiri-los ou por eles não se interessava, e o escritor não tinha a quem vendê-los. Portanto, por que escrever sobre ele? ²

Dessa forma ,estudar, pesquisar e escrever livros tratando do assunto não poderia ser muito comum. Porém, com o passar dos anos, graças à popularização do esporte e pelo maior interesse das pessoas em relação à leitura fez aumentar a procura pelas publicações de futebol. Sendo assim, a própria academia se desenvolveu mais nesse campo de estudo.

Em segundo lugar, e falando mais precisamente do livro do Drummond, o interesse vem pelo fato de um dos maiores escritores brasileiros ter textos, seja poesia ou crônicas, articulando o tema futebol e literatura. Então, por ser um estudo de um livro bem novo associado à própria qualidade do autor me fez pesquisar e apresentar esta obra, estando aí a sua relevância.

E para falar do livro *Quando é dia de futebol*, procurei problematizar algumas questões que considero fundamentais. Em primeiro lugar, irei abordar a relação entre futebol e literatura, mais precisamente como o autor, através da linguagem, eleva o futebol à categoria de arte, em momentos importantes do livro, como se pode ver neste exemplo a seguir:

Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do Center –half investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito

minha

imaginação.³

² PEDROSA. *O gol de Letra*, p. 25.

³ ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 23-24.

No caso específico deste trecho, tem-se a figura da linguagem hiperbólica, caracterizada pelo exagero de uma expressão para gerar dramaticidade ao fato ocorrido, presente nas expressões “ a parábola que a esfera de couro traça no ar” que indica a trajetória de uma bola, “ o golpe do center-half investindo contra o zagueiro”, que indica um meio campista driblando um defensor e “a pegada soberba deste”, que indica a marcação do zagueiro.

Para justificar e alimentar a própria discussão, iniciarei este ponto da apresentação através do livro *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*, do pesquisador e professor da USP José Miguel Wisnik. Nele, ao abordar o estudo feito pelo cineasta Pier Paolo Pasolini, Wisnik começa a sua pesquisa realizando uma comparação entre futebol e linguagem, destacando principalmente um determinado estilo de jogo com o estilo literário mais propício a ele:

Apesar de seu caráter apenas indicativo, Pasolini não falava de poesia no sentido vago e costumeiro de uma “ aura” lírica qualquer a cercar o futebol. Também não estava projetando “ conteúdos” narrativos para dentro do campo. Em vez disso, influenciado, e não sem humor, pela voga semiológica da época, identificava processos comuns aos campos da literatura e do futebol: pode-se dizer que via na prosa a vocação linear e finalista do futebol (ênfase defensiva, passes triangulados, contra-ataque, cruzamento e finalização), e na poesia a irrupção de eventos não lineares e imprevisíveis (criação de espaços vazios, corta-luzes, autonomia dos dribles, motivação atacante congênita). Sugeriu com isso, pela via estética, uma maneira de abordar o jogo por dentro, e nos dava, de quebra, uma chave original para tratar da singularidade do futebol brasileiro. ⁴

A partir desta proposição, podemos perceber, pelo menos para uma melhor compreensão da relação entre futebol e linguagem, uma diferenciação entre o futebol de prosa e o futebol de poesia. E essa diferenciação se torna muito importante para entendermos, em primeiro lugar, os vários estilos de jogos existentes no esporte e, para posteriormente, entendermos as suas junções, como no caso da incorporação de um modelo tático europeu ao futebol brasileiro e a importação por parte dos europeus da qualidade individual brasileira.

⁴ WISNIK. *Veneno Remédio*, p.13.

No elucidativo artigo do pesquisador Elcio Loureiro Cornelsen, da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulado “ A linguagem do futebol” segundo Pasolini: “ futebol de prosa” e “futebol de poesia”, ele também realiza o diálogo entre o “futebol de poesia’ e o “futebol de prosa”, aprofundando a análise e suas características:

Outra característica do “ futebol de poesia” seria o drible que, assim como o gol, seria sua expressão por excelência. Pasolini aponta como sublime uma jogada construída por uma longa sequência de dribles – uma sintaxe -, em que um único “podema” - unidade mínima da linguagem do futebol -, ou seja, o jogador com posse de bola, partiria do meio de campo até a meta e faria o gol.⁵

Fazendo um diálogo com o livro de Drummond, percebe-se a poesia no futebol brasileiro através do poema” De 7 dias” publicada no jornal *Correio da Manhã*, no dia 22 de Junho de 1958, falando sobre Garrincha e Pelé:

Começou festiva a semana:
Espíávamos por uma frincha
A vitória, e eis que ela fulgura,
Rosa aberta ao pé de Garrincha.

(...)

E vem outro, mais um outro dia.
Paira a esperança, junto á fé.
A bola em flor no campo: jóia,
E seu ourives é Pelé.⁶

Nos trechos acima, o futebol de poesia está caracterizado por um estilo de jogo mais livre, mais aberto a novas jogadas e surpresas, além de todo o encantamento que esse esporte pode nos proporcionar. Por isso, |Garrincha e Pelé ganham uma notoriedade muito grande dentro da obra, não apenas sendo citados nos poemas, mas incorporando um capítulo especial para cada jogador intitulados: “Pelé, o mágico” e “ Garrincha, o encantador”, além do próprio Pelé ter escrito o prefácio do livro.

⁵ CORNELSEN. “ A linguagem do futebol”, segundo Pasolini: ‘futebol de prosa’ e ‘futebol de poesia’. *Caligrama*, p. 185.

⁶ ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 33 e35.

Por outro lado, Elcio Cornelsen caracteriza o futebol de prosa, seguindo a esteira de Pasolini, da seguinte forma:

Em contrapartida, de acordo com Pasolini, o “futebol de prosa” se fundamentaria menos na técnica individual, mas sim na organização tática centrada no coletivo: “ A retranca e a triangulação (que Brera chama geometria) é futebol de prosa: baseia na sintaxe, isto é, no jogo coletivo e organizado, na execução racional do código” (.... Sendo assim, o “gol” seria o momento dispar e singular dentro dessa “ sintaxe”: “ O seu único momento poético é o contrapé seguido do gol (que, como vimos, é necessariamente poético). Em suma, o momento poético do futebol parece ser (como sempre) o momento individualista (drible e gol; ou passe inspirado). ⁷

Inclusive, em relação ao “futebol de prosa”, vários treinadores optam nos seus trabalhos pelo treinamento tático, que seria basicamente o posicionamento dos jogadores em campo, sendo que a movimentação do time como um conjunto e as jogadas ensaiadas se sobressaíam a uma jogada individual.

Um momento do futebol de prosa pode ser destacado da obra de Drummond, que ao enviar uma carta para seu neto destaca que, na preparação para a Copa de 1966, o Brasil encontraria muitas dificuldades para enfrentar as seleções que praticam um futebol mais fechado, com mais marcação do que criação:

Nossos jogadores não se empenharam a fundo nesse primeiro e único jogo, e a experiência não valeu como preparação para os *matches* da Copa do Mundo de 1966, pois em nenhum eles serão disputados em campos dessa natureza, e além do mais o pessoal argeliano é fraco na bola. O que parece ter sido útil para nós foi o estilo argentino de ferrolho, que provavelmente será adotado por todo mundo na Copa de 66, de sorte que vai ser difícil praticar o jogo bonito que gostamos de mostrar. Mas sempre se dará um jeito para tornar divertido o espetáculo, quando Pelé e Garrincha estiverem no campo. Mandarei a você, de vez em quando, alguns recortes de jornais, contando as novidades esportivas. ⁸

Até aqui, podemos perceber uma questão bem interessante: ao mesmo tempo em que existe uma clara distinção entre o “futebol de poesia” e o “futebol de prosa”, sendo que, no segundo caso, a disciplina tática se sobrepõe ao talento individual, existe uma

⁷ CORNELSEN. “ A ‘linguagem do futebol’ segundo Pasolini: ‘ futebol de prosa’ e ‘futebol de poesia’ . Caligrama, p.187-188.

⁸ ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 225. Este trecho foi retirado de uma carta enviada por Carlos Drummond de Andrade para seu neto Luis Maurício, no dia 20 de Junho de 1965.

situação de “ajuntamento” desses dois estilos. No caso, o chamado futebol de poesia, associado ao drible e à invenção, precisa necessariamente de alguma disciplina, principalmente pela profissionalização do esporte, que no caso seria o aspecto tático do jogo, associado ao futebol de prosa que, invariavelmente, também precisa da poesia para não tornar o futebol algo mecânico e previsível. Sendo assim, ambos estão presentes numa única prática esportiva.

Ainda em relação à junção entre “futebol de prosa” e “futebol de poesia”, Wisnik faz um comentário bem interessante a esse respeito:

Embora sumária, e aparentemente esquemática, a sua teoria do futebol contempla a necessária imbricação da “poesia” e da “prosa” no tecido do jogo (sem afirmar a superioridade de uma sobre a outra), e pontuava genericamente suas gradações, passando por aquilo que ele via como a prosa realista de ingleses e alemães, a prosa estetizante dos italianos e a poesia sul-americana, chegando por todas essas vias ao delírio universal do gol, que suspende as oposições porque é necessariamente um paroxismo poético.⁹

Uma outra passagem do livro de Wisnik aborda a imbricação dos estilos, destacando que ambos são importantes, tanto para a literatura quanto para o futebol:

Nada impede de dizermos a partir dele, sem dualismos rígidos, que os lances criativos mais surpreendentes não dispensam a prosa corrente do “arroz-com-feijão” do jogo, necessário à toda partida. Ou de constatar na literatura como no futebol, que a “prosa” pode ser bela, íntegra, articulada e fluente, ou burocrática e anódina, e a “poesia” imprevista, fulgurante e eficaz, ou firula retórica sem nervo e sem alvo. Pois a mais importante consequência de sua rápida semiologia exploratória, a meu ver, é de que o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo.¹⁰

A partir dos trechos citados, pode-se ter uma noção de como literatura e futebol podem ser pensados paralelamente, caminhando juntos. A comparação de um determinado estilo literário, com um estilo de jogo específico, podendo ser associado a

⁹ WISNIK. *Veneno Remédio*, p. 13-14. No livro citado existem várias passagens em que o autor fala sobre a relação entre o “futebol de prosa” e o “futebol de poesia”.

¹⁰ WISNIK. *Veneno Remédio*, p. 14.

um determinado país forma um sistema integrado de grande reflexão para se entender a junção entre futebol e literatura.

Ao estudar as idéias de Pasolini, Wisnik destaca que a *prosa* está ligada a uma vocação “linear e finalista do futebol (ênfase defensiva, passes triangulados, contra-ataque, cruzamento e finalização)”, associada ao futebol europeu; e a *poesia* estaria ligada à irrupção de eventos não lineares e imprevisíveis “criação de espaços vazios, corta-luzes, autonomia dos dribles, motivação atacante congênita”, e associada ao futebol brasileiro. Porém, segundo Wisnik, esses elementos se entrecruzam ao ponto de afirmar que “o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros”.

Para se ter uma idéia de como se realiza a análise dos textos do livro de Drummond a partir dos textos críticos e teóricos indicados até então, apresenta-se o poema de abertura, intitulado “Futebol”, cuja descrição nos leva a propor certas reflexões de como o poeta versa sobre o esporte:

Futebol se joga no estádio?
Futebol se joga na praia,
futebol se joga na rua,
futebol se joga na alma.
A bola é a mesma: forma sacra
para craques e pernas-de-pau.
Mesma a volúpia de chutar
na delirante copa-mundo
ou no árido espaço do morro.
São vôos de estátuas súbitas,
desenhos feéricos, bailados
de pés e troncos entrançados.
Instantes lúdicos: flutua
o jogador, gravado no ar
- afinal, o corpo triunfante
da triste lei da gravidade.¹¹

¹¹ ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 21.

Neste poema, pode-se perceber a sutileza com que Drummond aborda o futebol, ao colocar o esporte ao mesmo tempo juntos com a praia e com a rua; e colocando-o num patamar quase sagrado, ao dizer que: “futebol se joga na alma” e “ A bola é a mesma: forma sacra”. Sendo assim, o futebol está em dois planos distintos, porém se entrecruzando: entre a terra e o céu. Além disso, pode-se sugerir que o “futebol” deste poema está intrinsecamente relacionado com o “futebol de poesia”, pois Drummond fala sobre “ Desenhos feéricos, bailados / de pés e troncos entrançados. / Instantes lúdicos: flutua / o jogador, gravado no ar / - afinal, o corpo triunfante / da triste lei da gravidade”, destacando assim a irrupção de eventos não lineares e imprevisíveis, apontados por Pasolini, Wisnik e Cornelsen.

A partir disso, pode-se desdobrar esta intenção de estudo em dois aspectos relevantes dentro da obra *Quando é dia de futebol*: o aspecto irônico de seus textos, mais próximo ao campo a linguagem; e o aspecto político, que aborda o contexto histórico, pois dentro das obra eles se encontram muito próximos, tendo em vista que as ironias são originadas do momento político.

O primeiro aspecto pode ser destacado na passagem abaixo, numa crônica intitulada “ Perder, ganhar, viver”, escrita para O Jornal do Brasil, em 07 de Julho de 1982, logo após a derrota do Brasil para a Itália na Copa do Mundo da Espanha, mais conhecida como “ A tragédia do Sarriá”:

Eu gostaria de passar a mão na cabeça de Telê Santana e de seus jogadores, reservas e reservas de reservas, como Roberto Dinamite, o viajante não utilizado, e dizer-lhes com esse gesto, o que em palavras seria enfático e meio bobo. Mas o gesto vale por tudo, e bem o compreendemos em sua doçura solidária. Ora, o Telê! Ora, os atletas! Ora, a sorte! A Copa do Mundo de 82 acabou para nós, mas o mundo não acabou. Nem o Brasil, com suas dores e bens. E há um lindo sol lá fora, o sol de nós todos.

E agora, amigos torcedores, que tal a gente começar a trabalhar, que o ano está na segunda metade? ¹²

A ironia presente no trecho acima está no fato de que, apesar de grande parcela da população estar lamentando a derrota de uma seleção favorita ao título pelo futebol “poético”, o autor não compartilha dessa lamentação, inclusive cumprimentando os

¹² ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 181.

jogadores do Brasil e pedindo ao povo que volte a normalidade para que o país não pare de cumprir suas tarefas por causa dessa derrota.

Ainda em relação à ironia, mais um momento pode ser destacado no seu livro, esclarecendo a diversidade e a dimensão desse aspecto em suas críticas à situação política da época:

Eleição com esses trunfos, e a taça ainda quente, brandida com exclusividade pelos donos oficiais da bola, será *barbada*, para a Arena. Pobre do MDB, que lhe sobra para sensibilizar o eleitor? Talvez nossos êxitos internacionais no vôlei, no basquete, no tênis, no hipismo, no automobilismo? Pois sim. A Arena adjudicou-se igualmente o automobilismo, o hipismo, o tênis, o basquete, o vôlei, o futebol de botão, o jogo de palitos de fósforos, qualquer modalidade de esporte em que brilhe, lá fora, um brasileiro. Ganhou, já sabe: ela *papa*.¹³

Ao descrever essa crítica ironicamente, no sentido de sempre a classe dirigente absorver as glórias do esporte, já se percebe a crítica ao momento político vivido na época. Sobre o problema específico, tem-se no livro *História política do futebol brasileiro*, Joel Rufino dos Santos, um trecho bem interessante a esse respeito, demonstrando que a classe dominante, mesmo que ofereça melhorias na vida dos setores populares, absorve os lucros dessas transformações:

O povo brasileiro não deixou de sofrer – de exploração, de injustiça, de repressão, de falta de tudo. Foi, porém, naqueles anos de revolução liberal, que obteve imprescindíveis conquistas, como a Legislação trabalhista, a liberdade sindical, o direito de reunião, de fazer política, de aderir a quaisquer ideologias e professar quaisquer religiões. Algumas dessas conquistas acabaram suprimidas depois, outras distorcidas. Naquele instante, contudo, eram historicamente necessárias, interessavam até mesmo às classes dirigentes. Um só exemplo: a Legislação Trabalhista, ao mesmo tempo que protegia os trabalhadores, organizava o mercado de trabalho para facilitar a exploração capitalista.¹⁴

No segundo momento, ao trabalhar com o aspecto político, a crítica se torna importante dentro das crônicas e das poesias de Drummond, ao mostrar para o leitor o contexto histórico vivido pelo país durante as Copas de 1954 até 1982, visto que elas foram escritas nesse período, e escrevendo seu último texto sobre futebol, pelo menos

¹³ ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 115-116.

¹⁴ SANTOS. *História Política do Futebol Brasileiro*, p. 51.

os que estão dentro da obra em análise, em 1983, cuja abrangência se dá desde um período de democracia no país, dos governos de Getúlio Vargas, Café Filho, Juscelino Kubitschek, Jânio quadros e João Goulart, entre 1954 até 1964; até o período do Regime Militar no Brasil, dos governos de Castello Branco, Costa e Silva, Emílio Médici, Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo, de 1964 até 1986.

Uma das críticas de Drummond pode ser vista no trecho da crônica abaixo, publicada no Jornal do Brasil, do dia 24 de Junho de 1982:

Os políticos tenham paciência, pois esta não é a vez deles. Alguns podem talvez destacar-se em peladas de fim de semana em Brasília, mas nenhum deles será capaz de cobrar um escanteio como Serginho (quando Serginho está inspirado para a cobrança). O Dr. Maluf presume-se jogador de qualquer posição, capaz até de, como goleiro, fazer gol ao devolver a bola, mas uma sólida marcação pode travar-lhe o ímpeto. Lula ensaia os primeiros chutes como artilheiro, Jânio deixou de ser confiável ao abandonar o campo nos primeiros minutos do jogo, e os generais pré-candidatos parece que embolarão o meio-campo no afã de ocuparem a mesma área, que não dá para todos. ¹⁵

No trecho acima, o autor destaca os principais políticos da época e suas características, metaforizando-os com o futebol, o que demonstra ao mesmo tempo uma crítica e uma ironia em relação à eles, como no caso em que Maluf “joga em todas as posições”, o que indica que ele está onde estiver o poder; “Lula ensaia os primeiros chutes como artilheiro”, sugerindo o início de sua “Geração” na política, dentre outros possíveis cruzamentos temáticos.

Por fim, Carlos Drummond de Andrade, ao escrever sobre o futebol vivido em sua época, seja nas poesias ou nas crônicas, num primeiro momento eleva o futebol à categoria de arte através de suas metáforas, demonstrando o amor e a beleza que envolvem o esporte; e num segundo momento elabora fortes críticas através de suas ironias, demonstrando ao leitor que os poderes constituídos nas épocas abordadas absorvem as conquistas desse esporte com o intuito de vangloriarem-se de suas vitórias, esquecendo-se por um momento dos problemas sociais vividos pela população, problemas ainda presentes neste século XXI.

¹⁵ ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 177.

Bibliografia:

- Andrade, Carlos Drummond. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- Cornelsen, Elcio Loureiro. *A “Linguagem do futebol” Segundo Pasolini: “Futebol de prosa” e “Futebol de poesia”*. Belo Horizonte, Dezembro de 2006.
- Filho, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: MAUAD Editora Ltda., 2010.
- Galeano, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: Editora L& PM, 2012.
- Iorio, Fábio Mário. *Rastros do Cotidiano: Futebol em versiprosa de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- Lopes, José Sérgio Leite. *A vitória do futebol que incorporou a pelada*. São Paulo: USP.
- Matta, Roberto da. *Futebol: Ópio do povo x Drama de justiça social*. São Paulo: Novos estudos Cebrap, 1982.
- Matta, Roberto da. *Antropologia do óbvio*. São Paulo: USP.
- Navas, Adolfo Motejo. *A bola entre as palavras*. São Paulo: ANABLUME Editora, 2010.
- Pasolini, Pier Paolo. *O gol fatal*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2005.
- Pedrosa, Milton. *O gol de Letra*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Gol, 1967.
- Pompeu, Renato. *Memórias de uma bola de futebol*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- Rodrigues, Nelson. *O berro impresso das manchetes*. Rio de Janeiro: AGIR Editora Ltda., 2007.
- Santos, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1981.
- Silva, Marcelino Rodrigues da. *A crônica de Futebol: O fato em si vale pouco, muito pouco ou nada*. Goethe – Institut Brasilien, Dezembro de 2012.
- Silva, Marcelino Rodrigues da. *Cidade Esportiva / Cidade das Letras*. Belo Horizonte: O eixo e a roda: v. 18, n.2, 2009.

Wisnik, José Miguel. *Veneno Remédio: O futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia
das Letras, 2008.

